

Paula
Rafael
Rodrigo
Conto: “O enfermeiro”

O novo milionário

Em uma tarde de inverno, eu e o padre, com quem eu morava de favor, estávamos estudando teologia quando recebemos o telefonema de uma agência de empregos. Esta estava procurando alguém para cuidar de um homem doente e muito rico no interior, mediante uma boa gratificação. Empolguei-me com a proposta e resolvi aceitá-la, largando a teologia.

No dia seguinte, tomei o ônibus ainda de madrugada e, ao chegar ao condomínio onde vivia meu futuro patrão, soube que era insuportável, não tinha amigos e nenhum outro enfermeiro resistira a sua tirania. Senhor Felisberto estava sentado na varanda, bufando e, como sempre, xingando tudo e todos.

Nossa relação, na primeira semana, foi amigável. Vivemos uma lua-de-mel de sete dias. No oitavo, começaram os problemas e as discussões. Já estava farto das brigas, das reclamações, das rabugices e da insanidade de meu patrão.

Decidido a ir embora e desfrutar do dinheiro acumulado com o estressante trabalho, fui convencido pelo próprio Senhor Felisberto a ficar. No entanto, na noite de vinte e quatro de agosto, aconteceu a gota d'água. Após um acesso de raiva, o doente adormeceu enquanto eu lia um romance. Antes da segunda página, peguei no sono acordei aos berros do patrão que ousou atirar uma jarra de água em minha face esquerda. Não pensei duas vezes, atirei-me ao seu pescoço e esganei-o.

Tentei disfarçar as provas do crime e permaneci ao lado do defunto durante todo o velório para não levantar suspeitas. Voltei para o rio e, a partir da morte do Senhor Felisberto, passei a elogiá-lo, tornando-me motivo de admiração de todos aqueles que o odiavam.

Nos dias que sucederam o meu retorno, mandei rezar uma missa pela alma do falecido. Recebi a notícia de que seria o herdeiro universal do milionário. Todos notaram o meu nervosismo tamanho o meu pasmo. Não acreditei, mas todos que leram o testamento comprovaram a mesma coisa.

Pensei em recusar a herança, que, por ironia da sorte, foi parar em minhas mãos. Não poderia aceitar a herança de alguém que matei. A todo instante, minha consciência perguntava-me: Crime ou luta? Sinceramente, foi uma luta em que eu, atacado, defendi-me. Recebendo a herança, converti-a em dinheiro e imóveis, doei um pouco aos pobres e à Igreja.

Às vezes, desfrutando da fortuna, como estou agora, penso no falecido, sem os terrores daqueles tempos, mas como o homem que soube me recompensar e tornou-me o mais novo milionário.